

A ANÁLISE LAVELLIANA DO MITO DE NARCISO E O CONCEITO DE AMOR-PRÓPRIO

Marco Antônio Carvalho Ventura¹
Daniel Vicente²

RESUMO

O objetivo deste estudo é fornecer uma síntese da filosofia de Louis Lavelle para compreender sua análise do mito de Narciso e seu conceito de amor-próprio, procurando destacar suas utilidades práticas e clínicas dentro do *setting* terapêutico psicológico. Dessa maneira, o presente estudo partiu da tese da primazia do ser e da questão da inserção do eu no ser, para em seguida salientar as relações presentes entre o ser e o ato assim como os sofrimentos inexoráveis da prática da interioridade para por fim realizar a análise do mito de Narciso nos levando ao seu conceito de amor-próprio. Assim, finalizamos com a contribuição que o pensamento de Lavelle pode trazer às práticas clínicas e exemplos práticos de suas aplicações dentro do contexto terapêutico psicológico.

Palavras chave: Lavelle, Narcisismo, amor-próprio, psicologia, filosofia.

ABSTRACT

The aim of this study is to provide a synthesis of Louis Lavelle's philosophy to understand his analysis of the myth of Narcissus and his concept of self-love, seeking to highlight their practical and clinical uses within the psychological therapeutic setting. In this way, the present study started from the thesis of the primacy of being and the question of the insertion of the self in the being, to then highlight the present relations between the being and the act as well as the inexorable sufferings of the practice of interiority to finally carry out the analysis of the myth of Narcissus leading us to his concept of self-love. Thus, we end with the contribution that Lavelle's thought can bring to clinical practices and practical examples of its applications within the psychological therapeutic context.

Keywords: Lavelle, Narcissism, self-love, psychology, philosophy.

¹ Discente do Curso de Psicologia do Centro Universitário do Vale do Ribeira – UNIVR, Registro-SP. marcopsicologiaunisepe@gmail.com

² Psicólogo especialista em Psicologia Clínica com título concedido pelo Conselho Federal de Psicologia. Membro do Núcleo de Estudos em Psicanálise de Sorocaba e Região – NEPS-R. Professor do curso de graduação em Psicologia da UNISEPE.

INTRODUÇÃO

O presente estudo objetiva fornecer uma síntese da filosofia de Louis Lavelle (1883-1951), com a finalidade de compreender a sua análise do mito de Narciso e o seu conceito de amor-próprio. Buscando contribuir para o desenvolvimento da discussão acerca do autor assim como a compreensão do seu sistema filosófico. Que por sua vez, se demonstra útil para o avanço do campo teórico da conduta terapêutica psicológica por se mostrar terreno fértil para o exercício do autoconhecimento e do desenvolvimento moral.

O francês Louis Lavelle, classificado como filósofo da vida espiritual, se propõe por meio do seu caráter metafísico-realista e sua ontologia-ética a solucionar o abismo criado pelo pensamento kantiano entre a realidade física e a realidade psicológica enquanto propõem reflexões que orientam a existência em seus picos espirituais.

Apesar disso, o autor alerta que o caminho que conduz a sua metafísica é árduo, por que quem aceita este exercício, que se trata do caminho do princípio primeiro que ergue todos os seres, precisa primeiramente renunciar os consolos terrenos da complacência com as imagens, por mais sedutores que a beleza e os orgulhos intelectuais do domínio das ciências destas imagens possam se apresentar (LAVELLE, 1932, p.9).

Assim, Lavelle demonstra na obra *L'erreur de Narcisse* (1939), que a autenticidade do desenvolvimento psicológico do eu muito frequentemente é atravessada pelos vícios do amor-próprio, que interrompe as dinâmicas autênticas dos seus atos psicológicos (LAVELLE, 2012b, p.47,48). Demonstrando, por meio da exposição simbólica da história de Narciso, que ele falha em realizar o verdadeiro amor de si mesmo que em vez de aprisioná-lo deveria elevá-lo (LAVELLE, 2012b, p.204,205).

Portanto, como veremos neste estudo, a história de Narciso adverte que nunca devemos depositar demasiada atenção na imagem de si, pois ela fomenta em nós o amor-próprio, que converte a vida em objeto ao qual pede que lhe dê prazer (LAVELLE, 2012b, p. 45).

Dessa maneira, de acordo com Alfredo Bosi (1936-2021), existem diversas versões do mito de Narciso, o que nos cumpre a utilizar sua versão que consta na apresentação do livro estudado:

“Narciso era um formoso adolescente, filho dos amores de um deus-rio, Cêfiso, e uma ninfa. Quando nasceu, os pais interrogaram o vidente Tirésias sobre o destino de Narciso, e a resposta foi enigmática: o menino conheceria a velhice se não visse a si mesmo... Chegando à juventude,

sua rara beleza despertava paixões ardentes nos que o contemplavam, mas era com frio desdém que ele reagia ao amor de mortais e imortais. Como tantas, a ninfa Eco se apaixonou por Narciso e precisou amargar a mesma decepção: encerrou-se em solitária caverna onde foi definhando até que de sua pessoa não restasse mais do que uma voz que gemia. Então, as jovens desprezadas pediram vingança aos céus: Nêmesis, a justa, as ouviu. Em uma tarde de calor esbraseante, Narciso, fatigado de longas horas de caça, abeirou-se de um riacho para densedentar-se. No espelho das águas viu sua figura e por ela se apaixonou perdidamente. Nada o demoveria do enleio que o enfeitiçara: quedou-se a contemplar a própria imagem até que a morte o levou para as regiões trevas banhadas pelo Estige. Junto a essas águas sombrias. No lugar onde morreu, brotou uma flor a que os homens deram o nome de narciso: bordas cor de sangue tingem suas pétalas amarelas.” (LAVELLE, 2012b, p.11,12).

Para Lavelle o pecado de Narciso é o pecado do homem (LAVELLE, 2012b, p. 48). E a única esperança para aquele que está apaixonado pela obra que é ele mesmo, é abandoná-la e se desinteressar dela (LAVELLE, 2012b, p. 48). Mas Narciso está embriagado pela satisfação que obtem da animação da sua própria imagem, que não lhe dá senão um momento evanescente que acaba por separá-lo de si mesmo e transportá-lo para um mundo fantasioso em que sua própria vida se esvai (LAVELLE, 2012b, p. 38). Ele quis se reconhecer inteiramente por meio do olhar dos outros, mas confundiu a sombra com o objeto, a imagem com o ser, e terminou por alienar-se a si mesmo (LAVELLE, 2012b, p. 43). Ele buscava a imagem que é um recipiente vazio, pois sua forma é expressa somente pelo conteúdo da sua origem (LAVELLE, 2012b, p. 44). E termina por sucumbir ao drama de que sua visão não pôde lhe fornecer a sua essência, mas somente a sua aparência (LAVELLE, 2012b, p. 38).

Com isso, iniciaremos o estudo provendo uma breve síntese do pensamento lavelliano, partindo da tese da primazia do ser sobre o problema filosófico do sujeito e do objeto e do conceito de ser como separação do pensamento lavelliano das correntes idealistas e materialistas, para em seguida salientar as relações presentes entre o ser e o ato assim como os sofrimentos inexoráveis da prática da interioridade para por fim realizar a análise do mito de Narciso nos levando ao seu conceito de amor-próprio. Por fim, concluiremos com a contribuição que o pensamento do autor pode trazer às práticas clínicas e exemplos práticos de suas aplicações dentro do contexto terapêutico psicológico.

A PRIMAZIA DO SER

“Há uma experiência inicial que está implicada em todas as outras e dá a cada uma delas sua gravidade e sua profundidade: é a experiência da presença do ser. Reconhecer esta presença é reconhecer ao mesmo tempo a participação do eu no ser.” (LAVELLE, 2012a, p. 31).

A filosofia lavelliana é a filosofia do ser como afirmação inicial (LAVELLE, 1932, p.39). Tal afirmação se dá através da experiência do fato primitivo, que é a experiência imediata do sentimento intuitivo da presença do ser (LAVELLE, 1955, p.170,171). Ou seja, por meio da experiência existencial de descoberta das diversas possibilidades do ser, que supõem uma totalidade capaz de engendrará-las sem

ser ela mesma engendrada (LAVELLE, 1934, p.146). Além disso, para que a presença do ser seja a primeira das experiências, ela deve também ser capaz de se reencontrar nos eventos dos quais se sucedeu, por isso definindo-a, definimos também a inserção de toda a construção espiritual no interior do ser universal, circunscrevendo a existência individual dentro da totalidade do ser ao qual se participa por meio do emprego do destino (LAVELLE, 1936, p.17).

“Não há, pois, termo verdadeiramente primitivo além daquele que, inteiramente presente com cada operação do pensamento, permite a este, sem sofrer ele mesmo nenhum enriquecimento, enriquecer indefinidamente o eu variável que extrai dele seu alimento.” (LAVELLE, 2012a, p.46).

Sucedese que, com o estabelecimento da nossa presença para o ser, é a noção de eu que surge, mas não sabemos que ele é pois ainda não expressa nada além da sua tendência a uma possibilidade. Por isso, é preciso que ele se apoie num ser que é para ele a presença superabundante que atesta a garantia da possibilidade de um desenvolvimento indefinido ao qual ele deve se apropriar por meio do emprego da sua progressão dinâmica interna (LAVELLE, 1934, p.44).

“Ao dizer eu, dou ao mundo um centro: pois o mundo não pode ter por centro um ponto material, mas apenas um pensamento que percebe, quer e sente. Só este último pode contemplar um horizonte à sua volta e abraçar-lhe a unidade.

No entanto, sabemos há muito tempo que o mundo é infinito e que seu centro está em toda parte. É preciso, portanto, que exista em toda parte outros seres que, também eles, digam “eu”. Não se pode pedir a eu algum que renuncie a esse privilégio que lhe permite estabelecer-se no centro do mundo: caso contrário ele não passaria de um objeto entre todos os outros. Mas, se o eu é o centro do mundo, ele próprio já não tem centro. Ora, por uma espécie de paradoxo, somente a ideia do Todo pode ser o centro do eu; só ela pode regular todos os seus movimentos, dar-lhes seu impulso e seu objetivo.” (LAVELLE, 2011, p.91).

Logo, podemos notar que o ser é o ponto inicial pelo qual a presença se manifesta dentro do mundo. Mas a finalidade desta presença inicial não pode ser composto senão pela ideia platônica do Todo, que é o traço de união e o ponto de convergência obrigatório dos conceitos que fragmentariamente multiplicam sua unidade inicial (LAVELLE, 1932, p.40).

”Essa análise comporta uma série de operações no curso das quais nossa personalidade vai constituir-se; e, quando esta tiver descoberto sua verdadeira essência, unir-se-à ainda ao ser, mas desta vez num ato inteligível em que a experiência inicial encontrará sua explicação e seu acabamento. “ (LAVELLE, 2012a, p.36).

Assim, é necessário que coloquemos o ser como consequência da qual as coisas devem se suceder (LAVELLE, 1934, p.46). Isso por que o pensamento geral e a realidade do todo imaginável deve ser a condição pela qual a nossa natureza finita irá atualizar sua presença por meio de etapas que se

mostram como formas distintas de seus estados iniciais aos quais estarão contidas, permitindo a nossa existência realizar-se a si mesma por meio da sua própria operação (LAVELLE, 1934, p.46).

“[...] o ser se descobre antes de tudo ao eu que, descobrindo-se a si mesmo, deve necessariamente inscrever-se no ser. Mas é necessário guardar para cada uma delas seu caráter original, se se quer que a formação de nossa personalidade, em lugar de aparecer como uma criação autônoma, receba seu sentido verdadeiro, que é ser sempre experimentada como uma participação.” (LAVELLE, 2012a, p.47).

Dessa maneira ao reconhecermos a primazia da presença do ser já reconhecemos também a participação da fragmentação múltipla do eu na unidade inicial do ser. Pelo fato de que também supomos uma relação interdependente entre o sujeito psicológico e o sujeito absoluto, entre o eu e o ser, que é a experiência da consciência como um diálogo empregado, revelando a capacidade de inscrição pessoal no sujeito absoluto através da participação (LAVELLE, 1945, p.17,18). Portanto, a relação privilegiada entre o eu e a totalidade do ser, da qual sucede a atividade consciente de superação da dimensão psicológica como abertura à perspectiva do absoluto, revela ao eu sua verdadeira dimensão ontológica por meio do compromisso nesta solidariedade vivida de inscrever-se no Todo (LAVELLE, 1954, p.24).

Porém devemos também salientar que tal participação não se caracteriza como pertença estática a um todo do qual se faz parte, revelando-se senão por meio da cooperação dinâmica entre o eu e a realidade concreta da qual somos inseparáveis, podendo ser mais acertadamente traduzida como dialética da participação (LAVELLE, 1946, p.174).

Por fim, cumpre-se assumir que o ser é anterior à distinção entre sujeito e objeto (LAVELLE, 1954, p.2). Pois a relação entre o eu e o mundo físico se dá somente através da primazia do ser que estabelece o aspecto participativo da finalidade da busca existencial e do desenvolvimento moral ao qual o eu veio a se apoiar, em suma, é somente por meio do ser que os meios de realizar o seu próprio destino podem ser dados (LAVELLE, 1932, p.89,180), (LAVELLE, 1954, p.3).

A PARTICIPAÇÃO DO EU NO SER

Como vimos, a universalidade e a univocidade são as duas características inseparáveis que confirmam a unidade do ser (LAVELLE, 1932, p.14). Porém, a problemática do uno e do múltiplo são teses que a ontologia clássica tem divergido. Enquanto para Lavelle, tais teses se apresentam como aspectos parciais da realidade sintética que é capaz de englobar-las, encontrando a oportunidade de harmonização entre as afirmações aparentemente contraditórias sem sacrificar suas complexidades (LAVELLE, 1934, p.143,144).

“Não há pensador que tanto evoque. A preocupação contínua da unidade e da pluralidade do ser, a tendência do ato participante de unir-se ao ato participado, a unidade da metafísica, da moral e da mística, temas esses decisivos para caracterizar o pensamento de Lavelle, fazem-nos lembrar continuamente de Plotino.” (DELFGAAUW, 1947, p.27, apud PADILHA, 2012, p.38).

Primeiramente devemos salientar a distinção entre o pensamento lavelliano em comparação ao plotiniano. Isso porque em Plotino a necessidade de união da alma com o intelecto se dá pelo fato do primeiro ser inferior ao segundo. Enquanto para Lavelle o ser é anterior à inteligibilidade, mesmo considerando que ela participa do ser por ser uma de suas características (LAVELLE, 1946, p.40,41).

Dessa maneira, Lavelle reconhece que apesar da anterioridade do ser em relação a inteligibilidade o plano do conhecimento é indispensável para o desenvolvimento e aprimoramento do eu, uma vez que o ato consciente não é senão o seu processo de auto-descrição, alcançando sua essência por meio da construção do seu próprio ser. Logo, é por meio da análise que damos o ser a nós mesmos, configurando-lhe movimento (LAVELLE, 1946, p.53).

“Assim, a consciência não se distingue do ser, de que ela exprime um aspecto, senão pelo caráter finito deste aspecto mesmo que ela nos revela. A consciência é interior ao ser, e não o inverso. Mas, se o ser não pode ser alcançado senão em sua relação com uma consciência, a necessidade de pôr a existência mesma desta consciência, assim que se revela a nós, nos coloca já no coração do próprio ser: a teoria do conhecimento tem por objeto analisar esse fato primitivo, mostrar sua possibilidade e suas condições.” (LAVELLE, 2012a, p.42).

Isso porque, é por meio do movimento da consciência que a realidade do eu será circunscrita pelo ser, sendo realizada por meio do ato participativo que é a inserção da multiplicidade do eu na unidade do Ser (LAVELLE, 1946, p.46). “E essa experiência pura é ao mesmo tempo uma criação, porque a contemplação do ser é indiscernível do movimento pelo qual nosso espírito se engendra em si mesmo.” (LAVELLE, 2012a, p.37).

Portanto, não é possível encontrar o eu numa experiência dedutiva, separada e posterior ao fato primitivo, que atribui uma espécie de determinação do ser (LAVELLE, 2012a, p.39). Por que o eu não pode ter a intuição do seu próprio pensamento senão aplicando-o a um objeto, o que por sua vez não se confunde com a sua operação (LAVELLE, 1934, p.39).

Assim, como vimos, o ser totaliza dentro da complexidade das suas realizações possíveis a plenitude da existência circunstancial, atribuindo ao eu a riqueza inesgotável das indefiníveis possibilidades de participações existenciais (LAVELLE, 1946, p.26). Enquanto o eu se caracteriza como um aspecto limitado do ser, que é a condição de sua representação no mundo sensível, mas que é compreendido pelo ser ao qual não pode ser desligado estando condenado a permanecer em seus próprios limites (LAVELLE, 1934, p.40). Isso por que é somente por meio do ato, que é o movimento

do eu se tornar interior a si mesmo, é que ele poderá desencadear a lei segundo a qual ele irá colaborar em relação a ordem universal, tornando-se dessa maneira o obreiro do seu destino individual (LAVELLE, 1934, p.40).

“É necessário, para explicá-lo, não arrimá-lo num ser transcendente que permaneceria para ele decisivamente misterioso, mas, inscrevendo-se ele a si mesmo no interior do ser, colocá-la de início em seu nível. Dizendo, como o faz o idealismo, que não conhecemos nada além de nossa representação, evoca-se implicitamente a ideia de uma realidade de outra ordem que nos seria inacessível: isso não implica, como se crê, relevar a representação, e sim devolvê-la sem cessar à humildade impondo-lhe um caráter radicalmente ilusório. Não se pode restituir a ela sua verdadeira função sem fazer dela um modo do ser: ela é competente para conhecê-lo porque se distingue dele por sua limitação e não por sua natureza.” (LAVELLE, 2012a, p.43).

Assim, observa-se que o eu seja a expressão objetiva da subjetividade do ser, mas para exprimir a existência do ser ele deve se limitar, se definindo como um modo de ser, isso por que o ser não pode ser considerado senão como um modo de pensamento. (LAVELLE, 1934, p.41) Portanto, ao se mostrar como imperfeito e inacabado, ele já atesta sua insuficiência que supõe a necessidade de sua constante atualização, que por sua vez só possível mediante a posse que ele deve realizar da realidade que o circunda (LAVELLE, 1934, p.41).

“Por isso a noção de ser é muito mais clara e mais fácil de captar que a de eu. Pois o eu nos escapa no momento exato em que o tentamos fixar: ele é móvel e evanescente; isso porque está em progresso incessante e se constitui apenas pouco a pouco; nós sempre temos dar-lhe uma definição demasiado estreita e confundi-lo com um de seus elementos, ou uma definição demasiado larga e confundi-lo com um dos objetos a que ele se aplica, mas de que se distingue.” (LAVELLE, 2012a, p.39).

Logo, para Lavelle, as qualidades só possuem significado dentro da relação entre a universalidade e a univocidade do ser. Portanto, aquilo que Platão chamava de Mundo Sensível e Mundo das Ideias, para o autor não é senão o próprio mundo do espírito, uma vez que um constata e atesta o outro, estando acessíveis apenas através da atividade psicológica do indivíduo, tornando-se impossível isolá-los (LAVELLE, 1945, p.19). Isso porque a distinção entre as múltiplas qualidades supõe um ser finito que identifica seus diferentes aspectos do mundo em proporção com sua natureza, sua atividade e suas necessidades existenciais. Assim, não há uma realidade que possa ser independente da inteligibilidade pois suas qualidades se fundem na unidade do ser que os dá a luz (LAVELLE, 1932, p.56).

“Desse modo, em lugar de definir a consciência pela oposição entre o objeto e o sujeito – o que corre o risco de nos convidar quer, com o realismo, a fazer contraditoriamente do objeto uma realidade exterior à consciência, quer, com o idealismo, a fazer dele paradoxalmente um simples estado do eu -, deve-se defini-la como um debate, um diálogo constante e, todavia, infinitamente variado entre a parte individual e a parte universal de nossa natureza. Não só é por esse diálogo que o ser revela ao eu sua presença, mas é o próprio diálogo que faz nascer, opondo-os e ao

mesmo tempo unindo-os, os dois interlocutores; estes não existem antes dele, mas somente nele e por ele. E, conquanto haja entre eles desigualdade e o fato de um ser como um mestre e o outro como um discípulo, a ciência do discípulo não é diferente da do mestre: é ao mesmo tempo adquirida e pessoal. Ela não se opõe à do mestre senão por sua menor extensão. É até o discípulo que, em certo sentido, cria o mestre, e é a infinidade dos discípulos reais e possíveis o que faz desta ciência universal: esta não se realiza senão na totalidade dos espíritos, ainda que cada um lhe seja de algum modo interior.” (LAVELLE, 2012a, p.55).

Desta maneira, o pensamento lavelliano se distancia tanto do materialismo quanto do idealismo (LAVELLE, 1932, p.56). Distancia-se do materialismo pelo fato de que se todas as qualidades pertencessem a multiplicidade dos objetos sua própria individualidade seria abolida, sendo considerados idênticos uns aos outros, portanto caindo no relativismo (LAVELLE, 1932, p.56). E se distancia também do idealismo pelo fato de que se considerasse-mos os gêneros correspondentes a essas qualidades como possuidoras de uma extensão ilimitada acabaríamos por rebaixar os dados sensíveis simplesmente pelo fato de diferirem do seu sentido original (LAVELLE, 1932, p.56).

“A experiência da presença real é, ela mesma, de uma simplicidade perfeita. E é esta simplicidade que funda a unidade do ser. Dizer que estamos presentes para o ser, que o ser está presente para nós ou que o ser (ou ainda o eu) está presente para si mesmo são expressões destinadas a manifestar a presença universal assim que a análise se exerce e a diversidade das coisas começa a aparecer. Mas a presença pura precede e sustenta todas as presenças particulares: qualquer que seja seu objeto, esta presença é o pensamento, sentido e vivido numa operação indivisível.” (LAVELLE, 2012a, p.135).

Com isso, a universalidade se mostra como as possibilidades ilimitadas dos modos sensíveis, enquanto a univocidade é o englobamento destes modos sensíveis no todo, configurando ao ser seu aspecto universal e unívoco por meio do ato participante de unir-se ao ato participado (LAVELLE, 1934, p.37). Mas, tal experiência só pode ser dada por meio da criação do sujeito graças a análise do todo em forma de uma representação correlativa do exercício limitado de suas potências, implicando uma divisão e um escalonamento da qual não se pode separar (LAVELLE, 1934, p.162). Desta maneira, é apenas por meio da matéria que tal atividade se aplica, não por meio da própria virtude operatória, mas pela atualização espiritual do eu que inscreve na totalidade o seu desenvolvimento autônomo (LAVELLE, 1934, p.162).

“Assim, o todo, que é a potência perfeita do interior da qual os indivíduos não cessam de extrair os recursos que lhes permitem realizar-se, não cessa ao mesmo tempo de se realizar a si mesmo pela colaboração ininterrupta de todos os seres que se desenvolvem nele.” (LAVELLE, 2012a, p.123).

A PRESENÇA DO SER E O ATO

Como vimos, é somente por meio da presença do ser em face a experiência da realidade que podemos nos dar a si mesmos, permitindo-nos a comunicação interior que já é o emprego do seu próprio

ato (LAVELLE, 1934, p.42). O que por sua vez, já demonstra que o ato participativo ou simplesmente a participação, se configura como tema central da imanência no pensamento lavelliano (LAVELLE, 1932, p.12).

“Não só, como se disse, é descobrindo a presença do ser que descobrimos nossa presença para o ser, mas também nosso ser próprio não se constitui senão pelo conhecimento do ser do todo. Por conseguinte, o ser do eu não existiria sem este ser do todo em que ele toma lugar e com o qual mantém incessantes relações. Mais ainda, o ser do eu encerra em potência o ser do todo, mas para atualizá-lo é preciso que este ser do todo não cesse de sustentá-lo e de fornecer-lhe ao mesmo tempo o elã de sua operação e matéria de que ela se serve.” (LAVELLE, 2012a, p.174).

Devemos ter em mente que os seres podem diferir enquanto individualidades, mas que estes residem na dependência de participação em face ao Ser absoluto, que é o único capaz de sustentá-los por meio da totalidade do seu próprio Ser (LAVELLE, 1932, p.301). Ou seja, é esta dependência que explica suas diferenças individuais, de maneira que não posso receber a totalidade em um ser que me é próprio, senão na medida em que ela funda também minha própria independência, isto é, o poder de completar eu mesmo por meio do ato que me faz existir (LAVELLE, 1932, p.301).

“A presença é uma experiência do todo, ou antes, é o caráter que nos dá, na experiência de cada objeto, um contato imediato com o todo. Ele faz da noção de ser uma noção viva. Pois o ser não pode ser distinguido de sua própria revelação. Ele é, sim, se se quiser, um dado, mas que se dá a si mesmo, uma total e mútua apresentação de si a si que não é possível senão porque o ser é um ato.” (LAVELLE, 2012a, p.161,162).

Dessa maneira o ato coincide com o próprio ser, pois é através dele que o ser é dado a si mesmo, sem o qual seu movimento seria abolido, o que terminaria por impossibilitar sua participação no caráter unívoco de sua própria essência (LAVELLE, 1946, p.60). Mas, o que permite que o ato coincida com o ser não é senão a sua própria relação com os fenômenos do mundo sensível. Isso porque Lavelle pretende demonstrar que a interioridade do ser é um ato que sempre está em exercício e do qual não podemos cessar de participar, porque mesmo quando o negamos estamos exercendo a liberdade que ela nos providência (LAVELLE, 1946, p.62).

“As imagens permitem-nos, antes de tudo, reconstruir no instante de maneira sempre inexata e parcial um passado de direito irreformável, porque foi vivido de tal maneira e porque não pode não ter sido. Elas atestam, por conseguinte, ao mesmo tempo nossa libertação com respeito ao sensível instantâneo e nossa servidão com respeito a uma realidade vivida doravante inapagável.” (LAVELLE, 2012a, p. 156).

Ou seja, é por meio da relação com a matéria enquanto nos é dada e até mesmo imposta, que chegamos a ultrapassar os limites da nossa subjetividade individual, possibilitando a atualização da nossa própria possibilidade por meio da criação do nosso ser espiritual, que só é possível mediante o

exercício da comunicação empregada que ultrapassa e penetra nos segredos do Espírito absoluto (LAVELLE, 1948, p.299).

“Assim, a reflexão filosófica não nos faz conhecer o mundo como a um espetáculo, porque nos faz assistir à formação mesma desse espetáculo. Ela é um conhecimento interior ao ser. Revela-nos uma atividade sumamente eficaz de que faz nossa consciência participar. Permite-nos, graças a esta participação, criar a nós mesmos, inscrever nossa própria realidade no universo e produzi-la em vez de sofrê-la.” (LAVELLE, 2012a, p.175).

INTERIORIDADE E SOFRIMENTO

Portanto, a realidade que se apresenta como a construção realizada pelo próprio ser deriva do método do conhecimento e do caráter construtivo e sintético. Este método transcende a realidade exterior e material, porque lhe dá sua essência e porque o abarca, porém, é apenas através do contato direto com a realidade que o espírito pode exercer o ato de se inscrever na totalidade do ser por meio da construção de sua própria essência (LAVELLE, 1946, p.16,17). Dessa maneira Lavelle afirma, antes mesmo de Sartre, por meio da primazia do ser, que a existência precede a essência, de maneira que a própria existência não possui essência a não ser por meio do processo consciente de se dar o ser a si mesmo que já o insere na categoria ontológica de participação no todo (para uma revisão, ver a série *La dialectique de l'éternel présent*, LAVELLE, 1932, 1946, 1945, 1951). Porém, se retirarmos a imanência da transcendência presente no pensamento lavelliano e a sustentação realizada pela presença total que é o único que pode sustentar a unidade por meio da totalidade do seu próprio Ser, ficamos tão somente com a própria autoconsideração, que já é aquilo que Lavelle classificava como amor-de-si, caracterizando-se pelo individualismo narcisista de se substituir o verdadeiro real que reside na interioridade e que leva ao estado de paz espiritual pela ilusão e alienação que leva a separação e ao obscurecimento do sentido imanente de participação do ser, resultando tão somente no dilaceramento, sofrimento e na constante decepção do ser (LAVELLE, 1946, p.16,17), (LAVELLE, 1934, p.214).

“Eles ‘os homens’ se preocupam sobretudo em preencher sua presença, como se esta mesma fosse um quadro sem conteúdo. Assim, eles se aferram ao objeto presente antes que à presença deste objeto. Ora, se este objeto é para nós apenas o meio de fruir da presença do ser, ele, qualquer que seja, nos dá a realidade do todo, porque não se destaca dele senão por ser um aspecto dele. Ao contrário, se a presença não é para nós mais que um meio para obter a posse de tal objeto, nada mais nos poderá satisfazer: pois este objeto particular e fugidivo, tornando-se para nós um fim, não pode deixar de nos decepcionar; por isso ele nos desvia imediatamente para

outros objetos particulares e fugidios como ele e nos faz oscilar sem cessar entre a impaciência do desejo e a amargura da decepção.” (LAVELLE, 2012a, p.58).

“Mas é preciso então que eles deixem de ser para nós coisas para tornarem-se instrumentos de uma operação que nos permita aguçar e aprofundar indefinidamente o sentimento de nossa comunhão com o ser e, por assim dizer, de nossa filiação com respeito a ele. Assim, como se vê, e por uma espécie de paradoxo, é a indiferença por todo objeto o que dá a cada objeto seu valor absoluto.” (LAVELLE, 2012a, p.59).

Em suma, a essência do ser é expressa pelo encontro entre a liberdade e as circunstâncias em que ela deve se exercer (LAVELLE, 1951, p.229,230). Dessa maneira, é a relação estabelecida entre a liberdade do ser e as limitações sensíveis impostas que fundamentam o próprio poder de opção, podendo se engajar pela matéria, abdicá-la, ou até mesmo se render diante do seu determinismo (LAVELLE, 1951, p.233). O que por sua vez, demonstra diferentes processos de desvio do funcionamento autêntico do processo de atualização progressiva da dimensão existencial do eu. Estes desvios são classificados pelo autor como “amor-próprio”, causado principalmente pela compulsão manipulatória dos processos sensíveis com a finalidade de extração passional dos seus conteúdos. Assim, quando abdicamos, se apaixonamos e até mesmo nos rendemos diante o determinismo do mundo sensível, o fazemos por meio de um ato consciente de determinação da sua presença como subordinada à vontade individual, que tem por finalidade a evocação do extrato volitivo adulator do eu, gerando o vício que o faz oscilar entre a nostalgia e o desejo, atraindo-o para o nada (LAVELLE, 2011, p.93).

“O amor-próprio é inseparável de nossos limites: faz-nos sofrer por senti-los tão próximos e obriga-nos a nos contentar com satisfações medíocres capazes de caber no espaço apertado em que nos encerram. Extenua-se no exame interior, mas atando o olhar ao destino de nosso ser separado, e não ao princípio de verdade e de amor em que nossa vida se enraíza. Ao mesmo tempo, não para de nos comparar aos outros e não à mais alta ideia que podemos conceber de nós mesmos; e extrai dessa comparação as alegrias e as dores enfermias que, ao ocupar-nos por inteiro, nos tornam igualmente miseráveis. Pode ter muita engenhosidade, sensibilidade e perspicácia. Mas transforma tudo isso numa suscetibilidade que nos dilacera, e não numa penetração que nos convida a compreender e amar tudo.” (LAVELLE, 2011, p.92,93).

Assim, a exposição do mito de Narciso se apresenta para o autor como a história da problemática do eu e do amor-próprio, descrita por meio da análise filosófica da representação simbólica do mito. Lavelle não se atém a tentação alegorizante do mito, pois isso o conduziria à uniformidade de abstrações, mas extrai dele a reflexão pela qual descreve uma série de figuras conceituais e perfis de pensamento que a imagem de Narciso é capaz de ilustrar.

O ERRO DE NARCISO E O AMOR PRÓPRIO

“Ei-lo que se dirige para saciar sua sede inocente numa fonte virgem onde ninguém ainda se mirou. Ali ele descobre de repente sua beleza e desde então não tem mais sede senão de si mesmo. É sua beleza que produz agora o desejo que o atormenta, que o separa de si ao lhe mostrar sua imagem, e que o obriga a se buscar onde ele se vê, isto é, onde ele não é mais.” (LAVELLE, 2012b, p.37).

Como vimos ao se descolar do absoluto o eu está dando ao ser uma conotação egocentrista, isso por que a realização do ser pessoal e individualizado, sem a sustentação da totalidade do ser, só poderá ser substituído pela autoconsideração individualizada que termina por separa-lo dos outros seres (LAVELLE, 1946, p.16,17). Assim, para Lavelle, substituir a possibilidade de transcendência compartilhada pela consideração da virtude operatória material é cegar-se voluntariamente frente ao determinismo limitante imposto pela sensibilidade, submetendo-se ao seu indeterminismo que leva a decepção. Por que: “Toda ação nos traduz e nos trai ao mesmo tempo. Ela é ‘apenas’ a expressão e a aparência do nosso ser mais profundo” (LAVELLE, 2012b, p.79).

“Ele ‘Narciso’ busca ali ‘em seu reflexo’ sua alma: mas o amor-próprio e o desejo que tem de possuir-se formam o estanho que, limitando sua busca, lhe mostram a imagem do seu corpo. No entanto a emoção dessa descoberta de si é também a emoção da descoberta do absoluto do qual ele participa. Mas esta última não se completa jamais: e não há em parte alguma objeto que a fixe.” (LAVELLE, 2012b, p.40).

Desta maneira, Narciso descobre dentro de si mesmo a profundidade infinita das possibilidades do ser e da vida, que já é a presença do fato primitivo, mas seu rosto reflete o seu eu, que aquilo que ele ainda não é, ou a pura potencialidade da juventude adolescente (LAVELLE, 2012b, p.40). Ele se vê pela primeira vez como imagem duplicada, mas sucumbe ao dilema de não poder se esconder de si mesmo (LAVELLE, 2012b, p.49). Assim, Narciso ingressa no empreendimento de unir a imagem à fonte, ele que crê ser espírito puro, não poderia tolerar que a imagem não fosse fiel à origem (LAVELLE, 2012b, p.47). Isso por que ele se alegra de que nenhum objeto exterior se separe dele, que nenhum dos seus fragmentos e nenhuma das suas imagens se opunham a sua vontade (LAVELLE, 2012b, p.45). Porém, para que ele viva é necessário que morra, e é somente ao morrer que Narciso perceberá que ter sido conhecido e amado apenas por ele mesmo não lhe acrescentou nada, pois suas ações se concentraram em sua imagem, buscando o que lhe adulava e não o que realmente era (LAVELLE, 2012b, p.44,45). No final, o crime de Narciso é preferir a sua imagem a si mesmo (LAVELLE, 2012b, p.46).

“Todo homem pensa poder, por lampejos, animar uma imagem graças ao simples ato do seu espírito. Ele se embriaga por um momento com seu poder, mas acaba no desespero. Pois a criação só alegra eternamente o coração de Deus porque ele traz à vida um ser verdadeiro provido de corpo e alma, com iniciativa própria, que o invoca e lhe responde. Enquanto a imaginação nos abandona a nós mesmos.” (LAVELLE, 2012b, p.48).

Narciso procurou todos os segredos do mundo dentro de si mesmo, ignorou toda a beleza a sua volta, e por isso decepcionou-se ao se ver (LAVELLE, 2012b, p.51). O segredo divino que procurava era mais íntimo a ele do que ele mesmo, residia para além de todas as imagens e todos os espelhos, mas para encontrá-lo ele precisava primeiramente escapar do seu próprio olhar, deveria ignorar-se, e ter deixado de lado o divertimento de tentar se reformar pelo lado de fora (LAVELLE, 2012b, p.51,52).

Ainda assim, ele escolheu deixar de lado o ser para unir-se ao eu, e com isso trocou toda a sustentação da sua existência pela pura potencialidade, abolindo todo o seu movimento (LAVELLE, 1934, p.44). Assim como aquele que quis imitar a Deus, Narciso quis que sua imagem ocupasse todo o lugar do seu ser, e neste empreendimento ousado e criminoso terminou por precipitar a morte ao seu espírito (LAVELLE, 2012b, p.46). Seu erro foi sutil, sua imagem o atraía e o fascinava, mas para reivindicar este prazer ele teve de se tornar seu ídolo, substituindo a totalidade divina pela sua própria imperfeição, que, ao se unir a ele, aniquila toda a sua imaginação e toda a sua criatividade (LAVELLE, 2012b, p.46). Ora, para que a consciência de Narciso se formasse seria necessário que ele rompesse a unidade do seu eu, afinal, o movimento só é possível por que é a distância percorrida entre dois pontos (LAVELLE, 2012b, p.63).

“Precisamos de dois olhos para ver e de dois ouvidos para ouvir, como se nada pudéssemos perceber a não ser por um jogo de duas imagens semelhantes e, no entanto, diferentes. Mais ainda: nem a visão, nem a audição se exercem sozinhas, mas referindo-se uma à outra, ou então a qualquer outro sentido que elas despertam e que lhes acrescenta. Assim se forma uma espécie de polifonia na qual todas as vozes da alma respondem a todas as vozes da natureza.” (LAVELLE, 2012b, p.63).

Isso porque a consciência sempre funda o intervalo entre aquilo que possui e aquilo que deseja, procurando sempre se preencher sem nunca conseguir (LAVELLE, 2012b, p.64). Mas Narciso, rompendo a duplicidade do seu eu, se olha e deseja ser espectador de si mesmo, buscando extrair por meio da sua experiência visual, o gozo de si mesmo pelo qual acredita se alimentar (LAVELLE, 2012b, p.38). Dessa maneira, ele inverte a ordem inicial das coisas desejando que a sua imagem, anteriormente subordinada a seguir os ditames da origem perfeita do seu reflexo, dite os ritmos da sua própria existência submetendo suas ações às suas causas (LAVELLE, 2012b, p.40). Operação da qual se sucedeu a fome, a sede e a estagnação, pois, quando Narciso submete sua origem à sua imagem, é sua a imaginação e sua criatividade perecem (LAVELLE, 2012b, p.67).

“Parece por vezes que o amor-próprio é capaz de sustentar a atividade; na realidade, ele a corrompe, porque é ávido de experimentar seus frutos. Ele o esporeia para o sucesso e assim o faz perder sua inocência, sua potência e o segredo misterioso de sua fecundidade. O ato sempre produz um fruto. Mas cumpre que a atividade não faça esforço para apressá-lo, e que a sensibilidade não se alongue na fruição dele; a virtude do fruto é conter a semente que sempre leva a novos crescimentos.” (LAVELLE, 2011, p.85).

Segundo Lavelle, o olhar dirigido a si mesmo pode produzir seus melhores ou piores efeitos conforme o objeto para qual se voltou e conforme a intenção que a orientou (LAVELLE, 2012b, p.70). No exemplo de Narciso, vemos os seus piores desdobramentos, enquanto a sinceridade mais simples seria o suficiente para devolvê-lo a si mesmo (LAVELLE, 2012b, p.47). Pois a sinceridade conhece o vício e a virtude, ao passo que o vício conhece apenas a si mesmo (LAVELLE, 2012b, p.71). E Narciso se ocupa das aparências, deseja que elas preencham por completo o seu ser, desconhecendo a sinceridade.

“Se sou dentro de mim o que devo ser, o serei também fora de mim. Isso exige, é verdade, um despojamento do qual nem sempre sou capaz. Nem sempre recebo suficiente luz. Nem sempre estou bastante presente a mim mesmo. Nem sempre estou pronto a falar, a agir. Com frequência é preciso que eu saiba esperar. E a sinceridade exige muita reserva e muito silêncio.” (LAVELLE, 2012b, p.71).

Narciso tem muita consideração por si mesmo, mas é somente quando as ninfas lhe subjugarem por meio das suas próprias percepções, atestando já o julgamento do olhar dos outros, é que o movimento pelo qual ele se fechará em si mesmo e a paralisação da sua personalidade se consumarão (LAVELLE, 2012b, p.55). Ele se envergonha da sua superioridade ser contestada e não reconhecida (LAVELLE, 2012b, p.71). E o seu erro é escolher o caminho do amor-próprio. Pois segundo Lavelle, existem duas espécies de homens, aqueles que só ouvem o amor-próprio e só tem sua atenção voltada para a imagem que oferecem aos outros, e aqueles que não suspeitam que tal imagem exista, muito menos que elas possam diferir daquilo que são (LAVELLE, 2012b, p.72).

“Se Narciso se perdeu, é que ele quis introduzir tal dualidade no centro de si mesmo. Ele achou que podia ver-se e usufruir de si, antes de agir e de fazer-se. Ele não teve a coragem desse incomparável empreendimento no qual a operação antecede o ser e o determina, desse procedimento criador cujo modelo as matemáticas já empregam no conhecimento puro, e do qual a sinceridade interior nos oferece uma aplicação dramática a nós mesmos.” (LAVELLE, 2012b, p.74).

Ser sincero é mostrar-se fazendo-se, não por meio da fala, e sim por meio do ato (LAVELLE, 2012b, p.74). E, logo que a ação começa, é a própria vida que se vê contida nesta situação a qual carrega o peso do seu passado (LAVELLE, 2012b, p.75). Mas, enquanto a vida persiste, a esperança de mudar o que se é e de dissimulá-la também persiste (LAVELLE, 2012b, p.77). E é só quando a vida estiver ameaçada ou prestes a acabar é que Narciso será perfeitamente sincero consigo mesmo, pois é neste momento em que só o que importa é a sua realidade e que o seu imaginário toma o olhar do juiz a quem

nada pode escapar é que ele será subjugado, pois, após a morte, sua existência não poderá ser mais retocada (LAVELLE, 2012b, p.77).

“A única atividade real, eficaz e benéfica é a que se exerce de maneira invisível. Muitos homens, ao contrário, pensam que a essência de toda ação é modificar as coisas e conformá-las a seus desejos. Com frequência essa ação que modifica o aspecto do mundo toma o lugar da ação real que modifica os espíritos e a substitui.” (LAVELLE, 2012b, p.84).

“A perfeição só é obtida quando se abole a diferença entre a atividade material e a atividade espiritual, ou quando, contrariamente à ordem natural, a atividade material torna-se invisível e a outra visível.” (LAVELLE, 2012b, p.85).

CONCLUSÃO

Portanto, como visto, o mito de Narciso expõe a problemática do amor-próprio, que é o rompimento dos processos psicológicos autênticos por meio da distração em relação às satisfações pessoais extraídas através da manipulação das imagens exteriores. O que por sua vez, nos fornece por meio do pensamento do autor, um entendimento acerca da estrutura simbólica por trás do mito, podendo ser utilizado como instrumento reflexivo dentro da prática da psicologia clínica, uma vez que, identificadas as problemáticas correlativas entre as queixas do paciente e os dilemas do mito uma reflexão pode ser proposta mediante a sua apresentação.

Dessa maneira, propomos a utilização da exposição da estrutura básica do mito como instrumento de reflexão pelo qual o paciente, sujeito a psicoterapia, será conduzido por meio do diálogo com o terapeuta, a produzir uma solução espontânea para o problema do amor-próprio na história de Narciso. Que por sua vez, se apresentará como solução projetiva de sua problemática individual, visto que a utilização do mito estará ligada a sua correlação com a demanda do paciente.

Assim, não propomos a descrição desenfreada do mito como solução a ser produzida pelo terapeuta, cabendo ao paciente apenas compreender e aplicar suas teorias. E sim a sua utilização como exposição simbólica, através da elaboração de uma solução à trágica história de Narciso, ao qual o conhecimento do terapeuta, fornecido pela análise lavelliana, deve se adaptar ao processo construtivo do paciente, auxiliando-o durante o desenvolvimento da sua reflexão por meio do questionamento socrático de exposição das contradições internas das suas construções teóricas.

Sendo assim, a condução do processo imaginativo do paciente deve ser feita por meio de perguntas que estimulem o seu desenvolvimento e a sua construção. Perguntas como: Por quem Narciso

se apaixonou, por si mesmo ou por sua imagem?; por que ao se buscar ele perde o movimento?; qual seria a solução para que Narciso escapasse deste dilema?; o que busca ele em sua imagem?; e outras mais.

Entretanto, ainda se pode argumentar acerca do uso de histórias para a promoção de insights, alegando que não sejam precisamente claras e de certo modo herméticas, o que, por este motivo, tornaria a explanação conceitual dos seus conteúdos mais úteis. Porém, devemos ter em mente que as histórias podem reproduzir expressões e interações da realidade em si, livres da impugnação do raciocínio lógico posterior do terapeuta.

“[...] ela retrata a existência de maneira mais veraz, mais real, mais completa do que o homem civilizado, que comumente julga ser a única realidade. A esfera da poesia não se encontra fora do mundo, qual fantástica impossibilidade de um cérebro de poeta: ela quer ser exatamente o oposto, a indisfarçada expressão da verdade, e precisa, justamente por isso, despir-se do atavio mendaz daquela pretensa realidade do homem civilizado.” (NIETZSCHE, 1992, p. 57).

Isso porque “nós desfrutamos de uma compreensão imediata da figuração, todas as formas nos falam, não há nada que seja indiferente e inútil. Na mais elevada existência dessa realidade onírica temos ainda, todavia, a transluzente sensação de sua aparência” (NIETZSCHE, 1992, p.28). E no fundo, os fenômenos estéticos que são trazidos à tona por meio do mito, nos proporcionam a faculdade de ver de maneira incessante o jogo vivo de interação entre os corpos e as almas (NIETZSCHE, 1992, p.59).

Desta maneira, a utilização de histórias e mitos podem se apresentar mais úteis à prática clínica quando comparados a análise e descrição dos conceitos, porque permitem a projeção da problemática do paciente para fora de si mesmos em direção ao dilema apresentado pela história contada, o que, ao final da reflexão, será concatenada às suas queixas e problemáticas individuais, promovendo o insight por meio da construção autônoma do paciente, levando em consideração os seus próprios valores e conhecimentos, e não os do terapeuta.

Afinal, de que importa o presente estar endereçado ao paciente se o terapeuta já o desembrolhou? Onde está o presente quando os custos devem ser arcados por aquele que o recebeu, e que não teve nem mesmo a oportunidade de romper o seu lacre? Por este motivo Sócrates comparava sua filosofia ao trabalho de parto, por que após as complicações, a escuridão é rompida e a luz é revelada, mas ela não revela senão um aspecto de nós mesmos, pois aquilo que geramos deve necessariamente expressar um rosto semelhante ao nosso se se quer que seja vivida autenticamente.

REFERÊNCIA

LAVELLE, L. **A consciência de si**. Tradução de Lara Christina Malimpensa. São Paulo: É Realizações, 2011.

LAVELLE, L. **A presença total**. Tradução de Carlos Nougué. São Paulo: É Realizações, 2012a.

LAVELLE, L. **De l'Acte**. 2. Ed. Paris: Aubier, 1946. (La dialectique de l'éternel présent, Vol.2)

LAVELLE, L. **De l'âme humaine**. Paris: Aubier, 1951. (La dialectique de l'éternel présent, Vol.4)

LAVELLE, L. **De l'Être**. 2. Ed. Paris: Alcan, 1932. (La dialectique de l'éternel présent, Vol.1)

LAVELLE, L. **De l'intimité spirituelle**. Paris: Aubier, 1955.

LAVELLE, L. **Du temps et de l'éternité**. Paris: Aubier, 1945. (La dialectique de l'éternel présent, Vol.3)

LAVELLE, L. **L'erreur de Narcisse**. Paris: Grasset, 1939.

LAVELLE, L. **La dialectique du monde sensible**. 2. Ed. Paris: PUF, 1954.

LAVELLE, L. **La Présence totale**. Paris: Aubier, 1934.

LAVELLE, L. **Le Moi et son destin**. Paris: Aubier, 1936.

LAVELLE, L. **Les Puissances du moi**. Paris: Flammarion, 1948.

LAVELLE, L. **O erro de Narciso**. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: É Realizações, 2012b.

NIETZSCHE, F. W. **O nascimento da tragédia, ou Helenismo e pessimismo**. Tradução de Jacob Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

PADILHA, T. **A ontologia axiológica de Louis Lavelle**. São Paulo: É Realizações, 2012.